Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A DISTINÇÃO ENTRE EVANGELHO E RELIGIÃO EM JOSÉ COMBLIN

Tiago de França da Silva[1]

Resumo

Em seu último livro, O Espírito Santo e a Tradição de Jesus, inconcluso, publicado postumamente, o teólogo belga José Comblin, traz uma tese teológica que pode contribuir, significativamente, para o repensar da ação pastoral das Igrejas cristãs. Ao longo da história do cristianismo, o Evangelho foi confundido com a religião. Portanto, o presente estudo visa apresentar, com clareza e objetividade, a tese do teólogo, fundamentada na Tradição evangélica, explorando os conceitos fundamentais, sistematicamente elaborados. Ao final, teremos a clara convicção da diferença entre aquilo que vem de Deus, o Evangelho, daquilo que vem dos homens, a religião.

Palavras-chave: Tradição. Cristianismo. Evangelização. Pastoral. Fé.

1 INTRODUÇÃO

A distinção entre Evangelho e religião é um tema presente nos últimos livros que constituem a obra teológica do teólogo belga José Comblin (1923 – 2011). A sua preocupação consistia em demonstrar, teologicamente, a confusão que foi sendo feita, ao longo da história da Igreja, entre Evangelho e religião. Segundo ele, gradativamente, a instituição religiosa foi sendo confundida com o Evangelho, o que afetou, gravemente, a missão da Igreja no mundo. A instituição, em muitos momentos da história, passou a ser considerada mais importante que o Evangelho. Quando isto ocorreu, o anúncio do Evangelho foi relativizado e a Igreja passou a anunciar a si

[1] Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Bacharel em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), Bacharel em Direito pela Escola Superior de Direito Dom Helder Câmara (ESDHC), Especialista em Psicanálise pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina (FACET), sacerdote da Diocese de Parnaíba – PI, advogado e psicanalista. E-mail: missionariotiago@gmail.com

mesma, buscando a satisfação de seus próprios interesses. Nesta reflexão, explicitaremos o pensamento do teólogo sobre a mencionada distinção e suas consequências para a ação evangelizadora da Igreja e para a teologia católica.

2 O QUE É O EVANGELHO?

Fiel às inspirações do Concílio Vaticano II (1962 – 1965), José Comblin, na sua obra póstuma O Espírito Santo e a Tradição de Jesus, começa falando da necessidade do retorno às origens, para uma compreensão profunda sobre o significado do Evangelho. Ele afirma que

> A ideia de retorno às origens não é nova. Foi aquela que orientou todas as reformas protestantes. Mas as próprias Igrejas nascidas da Reforma conhecem os mesmos problemas. Seu retorno não foi suficiente ou se referiu a problemas diferentes dos nossos. Dentro da Igreja católica, todos os movimentos de reforma sempre invocaram a necessidade de um retorno às origens. Mas, hoje em dia, parece que a urgência é maior. Parece também que o retorno deve ser mais radical do que outrora, pois a crise das Igrejas cristãs tradicionais está inscrita num fenômeno mais global: todas as religiões nascidas desde o neolítico estão passando por uma crise semelhante (Comblin, 2023, p. 12).

Esta crise das religiões tradicionais é um fenômeno perceptível, sobretudo a partir da modernidade, com a evolução científica. A ciência foi pensada para dar uma resposta eficaz aos dilemas humanos, afastando a religião, com suas respostas míticas, que passaram a ser vistas como ineficazes e, portanto, descartáveis. Neste sentido, Comblin (2023, p. 17) afirma, categoricamente: "Deus já não é necessário para explicar o que está acontecendo no mundo". Os modernos acreditaram que a ciência resolveria tudo. Posteriormente, descobriram que a ciência também tem seus limites, e quando mal utilizada, causa sérios problemas para toda a humanidade.

Comblin ensina que há uma íntima e necessária ligação entre fé e Evangelho, e ao discorrer sobre esta ligação, fala de sua compreensão sobre o que entende por Evangelho:

> A fé tem por objeto o Evangelho. O Evangelho está no Novo Testamento, ainda que nem todo o Novo Testamento seja Evangelho. O Evangelho foi proclamado por Jesus. Não procede dos seres humanos. Vem de Deus, do Deus que vem a nós. O Evangelho revela outro Deus (Comblin, 2023, p. 17).

Em sua obra "Evangelho e Instituição", o monge beneditino Marcelo Barros, traz a transcrição da conferência que José Comblin proferiu na Universidade Centro-americana, em El Salvador, no dia 24 de março de 2010, por ocasião dos 30 anos do martírio do Mons. Oscar Romero. Sobre o Evangelho, Comblin afirma o seguinte:

> É preciso partir de uma distinção básica que agora vários teólogos já propuseram entre o Evangelho e a religião. O Evangelho vem de Jesus Cristo. O Evangelho não é religioso. Jesus não fundou nenhuma religião. Não fundou ritos, não ensinou doutrinas, não organizou um sistema de governo. Nada disso. Ele se dedicou a anunciar, a promover o Reino de Deus. Ou seja, uma mudança radical de toda a humanidade em todos os seus aspectos. Uma mudança, e uma mudança cujos autores serão os pobres. Dirige-se aos pobres porque somente eles são capazes de agir com essa sinceridade, com essa autenticidade para promover um mundo novo. Seria essa uma mensagem política? Não é política no sentido de que propõe um plano, uma maneira... não, para isso a inteligência humana é suficiente; mas como meta política, porque isto é uma orientação dada a toda a humanidade" (Barros, 2014, p. 179-180).

Não foi somente Comblin que se ocupou com o tema da distinção entre Evangelho e religião. Em suas obras, ele faz referência a muitos outros pensadores que pensaram a questão, demonstrando a sua relevância para a teologia e para o agir pastoral da Igreja. Ao afirmar que Jesus não fundou uma religião, nem viveu em função daquilo que a constitui e sustenta, Comblin não somente defende a liberdade com a qual Jesus buscou viver a sua missão, mas pretende retirar deste mesmo Jesus tudo aquilo que os seres humanos foram projetando nele, transformando-o, ao longo da história do cristianismo, numa espécie de divindade a ser cultuada. Com isto, não estamos negando a divindade de Jesus, verdade de fé da religião, mas combatendo este exclusivismo cultual, que é perigoso, porque provoca uma compreensão equivocada da missão de Jesus.

3 O QUE É A RELIGIÃO?

Na conferência supracitada, Comblin discorre sobre o que entende por religião, diferenciando-a do Evangelho:

> E a religião? Jesus não fundou uma religião, mas seus discípulos criaram uma religião a partir dele. Por quê? Porque a religião é algo indispensável aos seres humanos. Não se pode viver sem religião. Se a religião atual aqui se desintegra [...] Há 38.000 religiões registradas nos Estados Unidos! Ou seja, não faltam religiões, elas aparecerem constantemente. O ser humano não pode viver sem religião, mesmo que se afaste das grandes religiões tradicionais. Então, a religião é uma criação humana. Entre a religião cristã e as demais religiões, a estrutura é igual. É uma mitologia. Assim como há uma mitologia cristã, há uma mitologia hinduísta, xintoísta, confucionista. Isso é parte indispensável para a humanidade. Ou seja, é a forma de interpretar todo o incompreensível da humanidade. Fala da intervenção de seres com entidades sobrenaturais, fora deste mundo e dirigindo essa realidade da vida no mundo. Em segundo lugar, uma religião é feita de ritos. Ritos para afastar as ameaças e para acercar-se dos benefícios. Todas as religiões tem ritos. E todas têm pessoas separadas, preparadas, para administrar os ritos, para ensinar a mitologia. Isso é comum a todas. Então, isso tinha de acontecer com os cristãos também. Como poderiam viver sem religião? (Barros, 2014, p. 180).

A afirmação de que a religião cristã não é uma criação divina, é importante porque situa a religião entre as criações humanas, desautorizando qualquer cristão pensar e afirmar o contrário, sobrepondo-se às demais religiões. O fenômeno religioso faz parte da história da humanidade desde os seus primórdios. Por mais que haja negação da religião, tal realidade sempre existirá, porque necessária. Quando não instrumentalizada, a religião promove o desenvolvimento dos seres humanos, oferecendo respostas às suas angústias, dores e sofrimentos. Comblin coloca o cristianismo entre as demais religiões, o que facilita o diálogo interreligioso, que visa superar os conflitos entre pessoas de diferentes religiões e a promoção da paz no mundo.

Mas não basta que existam religiões, é necessário que elas sirvam para a promoção da dignidade da pessoa humana. Religião desumanizadora é um perigo, e contribui para o atraso da humanidade. É neste sentido, que

Comblin denuncia a corrupção no seio das religiões. Ao falar sobre a relação entre amor e religião, ele explica que aquele é superior a esta, pois constitui o caminho da salvação, ensinado por Jesus, o que não quer dizer que se possa descartar ou considerar inútil a religião. Relacionando o amor com a religião, eis a denúncia do teólogo, demonstrando, teologicamente, o momento em que a religião se transforma numa arma perigosa nas mãos dos seres humanos:

> Isso não quer dizer que a religião não tenha importância. Ela forma a parte essencial da vida humana, assim como as virtudes – a justiça, a prudência, a temperança e a fortaleza –, precisa ser retificada e transformada pela caridade. Uma religião que não está orientada para o amor ao próximo é inútil e pode ser prejudicial – como diz São Paulo. Mesmo a missa pode ser sinal de condenação. "Todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor (1Cor 11,27). Quem é que come e bebe indignamente do cálice do Senhor? Aquele que não quis compartilhar, que comeu e bebeu muito sem olhar para o seu vizinho que estava passando fome. Essa falta de amor ao próximo é a indignidade. Por conseguinte, todos os atos religiosos devem ser reorientados para ser atos dignos e não indignos, porque a religião também se presta à corrupção – como todos os comportamentos humanos. Na religião a corrupção pode ser mais difícil de se detectar, mas a possibilidade existe (Comblin, 2004, p. 210).

Para explicitar melhor o significado da religião, Comblin (2023, p. 24-27) se demora na explicação do que denominou três elementos principais, comuns a todas as religiões: a doutrina, os ritos e a classe dos sacerdotes. A doutrina vem do passado, e não pode ser questionada. É a verdade que sempre foi ensinada; goza de perenidade. Trata-se de um sistema rígido e sistemático, que constitui a visão que a Igreja tem do mundo e da vida. Os ritos auxiliam na compreensão da doutrina, e colocam o homem em contato com o sagrado. É formado por gestos simbólicos, que tem por finalidade atrair os favores divinos e afastar o mal. Tais gestos podem se inspirar na cultura de cada povo. Há uma universalidade de sentido desses gestos, que gera certa uniformidade de compreensão, apesar da diversidade cultural dos povos nos quais a Igreja se faz presente. A classe sacerdotal é responsável por ensinar a doutrina e dirigir o culto.

Nestes aspectos, o cristianismo não é diferente das demais religiões. Mesmo Jesus não sendo seu fundador, a religião que nasceu a partir do seu testemunho se mostrou muito idêntica às demais experiencias religiosas da humanidade. O grande desafio é recuperar a Tradição evangélica, bebendo das fontes primitivas, retomando o caminho inaugurado por Jesus, mantendo a fidelidade ao essencial de sua mensagem.

4 AS TENSÕES ENTRE EVANGELHO E RELIGIÃO AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA

O método teológico de José Comblin é marcado pela historicização, próprio dos teólogos enciclopédicos. Ou seja, ele gostava de produzir teologia, analisando os acontecimentos ao longo da história. Era um crítico mordaz das teologias marcadas pelo abstracionismo. Escrevia sobre questões complexas, sem ser complexo. Seu linguajar era simples e, portanto, acessível. Como poucos, abordou com simplicidade sem deixar de ser denso, profundo, realista e profético.

Sua grande preocupação sempre foi a de manter viva a Tradição evangélica, muitas vezes ofuscada pela teologia tradicional da Igreja que, ao longo dos séculos, distanciou-se das fontes primitivas e ocupou-se com a elaboração excessivamente abstrata da doutrina, visando dar suporte às escolhas da própria Igreja. Defendia uma teologia menos academicista e mais orientada para o mundo exterior, que fale às mulheres e homens de hoje, sem ocultar o Evangelho.

A sistematização teológica elaborada por Comblin, revela as tensões entre Evangelho e religião. Em vários momentos de sua história, a Igreja se afastou do Evangelho, deixando-se fascinar pelo poder e pelas riquezas. Fazendo aliança com os ricos, esqueceu-se dos pobres, que ocupam lugar central na mensagem de Jesus. Este esquecimento provocou muitos desvios e pecados. É conhecido o pedido de perdão, celebrado pelo Papa João Paulo II, na virada para o terceiro milênio. O Papa reconheceu os desvios experimentados pela Igreja, ao longo de sua história. Apesar deste

reconhecimento, o retorno às fontes primitivas proposto e vivenciado pelo Concílio Vaticano II sempre encontrou resistência dentro da própria Igreja.

Na Igreja dos primeiros séculos, encontramos o testemunho dos mártires. Até o momento do reconhecimento do cristianismo como religião oficial do império, com Constantino, a Igreja se manteve firme naquilo que herdou dos cristãos da primeira hora. Uma Igreja regada de sangue. Comblin fala com propriedade e riqueza de detalhes deste período para o qual a Igreja deve sempre voltar-se, mantendo-o diante dos olhos (Comblin, 2023, p. 77-79).

Posteriormente, vieram os monges, experiência marcada pela fuga para o deserto, para abraçar a pobreza e a vida de oração. Os monges recordaram da necessidade de retorno à pobreza evangélica e a centralidade do Evangelho (Comblin, 2023, p. 79-84). Grandes santos foram formados na vida monástica, na austeridade e estudo sério das Escrituras e da Tradição da Igreja. Muitos deles ajudaram a sistematizar a doutrina da Igreja, oferecendo reflexões profundas que serviram de alicerce para muito do que se crê e ensina hoje.

A Idade Média se caracteriza por um longo período, cheio de virtudes e contradições. Nela nasceu a cristandade, e para recordar o Evangelho, o Espírito de Jesus fez aparecer figuras como Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, Bernardo de Claraval, os pensadores da devoção moderna, e muitos leigos que clamavam por reformas urgentes na vida da Igreja.

Na era moderna, a Igreja enfrentou crises profundas, porque se colocou frontalmente contrária a tudo aquilo que ameaçava o seu poder e influência. Aos poucos, a cristandade foi definhando. A Igreja percebeu que estava perdendo poder e influência na sociedade. Comblin diz que a cristandade foi morrendo aos poucos, pois "a imensa maioria dos católicos e todo o clero, como toda a hierarquia, não acreditaram na ruína definitiva da cristandade" (Comblin, 2023, p. 127). Apesar dos esforços em recuperar a cristandade, hoje restam apenas seus resquícios.

A história do cristianismo mostra, claramente, que as tensões entre Evangelho e religião foram provocadas pela sede de poder, prestígio e riqueza. Deixando-se levar pelas ambições desmedidas, muitos membros da Igreja, especialmente do clero e da hierarquia, esqueceram-se do Evangelho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale a pena continuar aprofundando, na perspectiva apresentada por Comblin, o conteúdo que explica e justifica a distinção entre Evangelho e religião. De fato, é um tema atual e instigante, porque toca um dos desafios que mais afetaram a vida da Igreja ao longo de toda a sua história: o desafio da fidelidade ao Evangelho. A vida cristã depende desta fidelidade, e Jesus a exigiu na sua mensagem. Comblin, com maestria e ousadia profética, aborda a questão e convida seus leitores a continuarem trabalhando, porque a tentação do poder e da riqueza é uma constante na vida eclesial, grave ameaça à ação evangelizadora da Igreja.

O presente texto, despertou o meu interesse em continuar lendo e pesquisando sobre o tema, tendo em vista as necessárias mudanças nas práticas pastorais. O Evangelho precisa se manter no centro do anúncio. A religião não pode ofuscá-lo. Os espiritualismos não podem anestesiar os cristãos, alienando-os. As reflexões de Comblin sobre o Evangelho e a religião abrem nossos olhos para enxergarmos a necessidade de avançarmos no caminho da conversão pessoal e eclesial, tendo em vista aquilo que Jesus fez e pediu: a implementação do Reino de Deus no mundo e na história da humanidade. Neste sentido, a teologia combliniana, ao explicitar a distinção entre Evangelho e religião, toca nas feridas dos cristãos de hoje, obrigando-os a rever suas escolhas e prioridades.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. *Evangelho e Instituição*. São Paulo: Paulus, 2014.

COMBLIN, José. *O Caminho*: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2023.